



MÉDICO DE HOMENS E DE ALMAS

Taylor Caldwell

Tradução de Aydano Arruda

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2022

Prefácio

Este livro levou quarenta e seis anos para ser escrito. A primeira versão foi escrita quando eu tinha doze anos de idade, a segunda, vinte e dois, a terceira, vinte e seis, e durante todos esses anos o trabalho em relação a ele não cessou.

A última versão teve início cinco anos atrás. Foi impossível completá-la, como tinha sido impossível completar as outras versões, até que meu marido e eu visitamos a Terra Santa, em 1956, e ele me pôde dar as informações para o último terço do livro, bem como sua assistência.

Desde a minha primeira infância, Lucano, ou Lucas, o grande apóstolo, obcecou minha mente. Foi ele o único apóstolo que não era judeu. Jamais viu Cristo. Tudo quanto está escrito em seu eloquente mas limitado Evangelho foi adquirido através de pesquisas, ouvindo testemunhas, a mãe de Cristo, os discípulos e os apóstolos. Sua primeira visita a Israel teve lugar quase um ano depois da Crucificação.

Ainda assim, tornou-se ele o maior dos apóstolos. Como Saulo de Tarso (mais tarde Paulo, o apóstolo dos gentios), ele acreditava que Nosso Senhor viera não apenas para os judeus, mas também para os gentios. Tinha muito em comum com Paulo, porque também este jamais vira Cristo. Cada um deles tivera uma revelação individual. Aqueles dois homens encontraram dificuldades com os primeiros apóstolos, porque estes últimos acreditaram, obstinadamente, durante muitíssimo tempo, mesmo depois de Pentecostes, que Nosso Senhor tinha encarnado e morrido apenas para a salvação dos judeus.

Por que São Lucas foi uma obsessão para mim, e por que sempre o amei, desde a infância? Não sei. Só posso, em tal assunto, citar Friedrich Nietzsche: “Ouvimos — não procuramos; não perguntamos quem dá — eu jamais tive escolha nesse sentido.”

Este livro trata de Nosso Senhor apenas indiretamente. Não há romance nem livro histórico que possam transmitir a história de Sua vida tão bem quanto a Santa Bíblia. Assim, a história de Lucano, ou São Lucas, é a história da peregrinação de todos os homens através do desespero e das trevas da vida, através do sofrimento e da angústia, através da amargura e da tristeza, através da dúvida e do cinismo, através da rebelião e da desesperança até os pés e a compreensão de Deus. Essa busca de Deus e da revelação final é a única significação na vida dos homens. Sem essa busca e essa revelação, o homem vive apenas como um animal, sem conforto e sem sabedoria, e sua vida é inútil, seja qual for seu grau de poder e nascimento.

Um padre, que nos ajudou a escrever este livro, disse de São Lucas: “Ele foi o primeiro trovador de Nossa Senhora.” Somente para Lucas Maria revelou o *Magnificat*, que contém as mais nobres palavras de qualquer literatura. Ele amou-a acima de todas as mulheres que chegou a amar.

Meu marido e eu lemos literalmente mais de mil livros sobre Lucas e seus tempos, e recomendamos todo tipo de leitura relacionada. Se o mundo de Lucas parecer espantosamente moderno a algum leitor, e com implicações modernas, realmente isso se verifica.

Este livro pode não ser o melhor do mundo, mas foi escrito com amor e devoção pelo nosso próximo, e assim é entregue finalmente em vossas mãos, pois que ele se relaciona com toda a humanidade.

Quase todos os acontecimentos — o cenário do início da vida de São Lucas, a idade adulta e a busca, bem como a família e o nome do pai adotivo — são autênticos. Devemos ter sempre presente na lembrança que São Lucas foi, antes de tudo, um grande médico.

Quando eu tinha doze anos, encontrei um grande livro, escrito por uma freira que então vivia em Antioquia, e que continha muitas lendas sobre São Lucas, lendas que não se encontram nos livros históricos que a ele se referem, nem na Bíblia. A autora narrava as lendas e algumas obscuras tradições a respeito de Lucano, incluindo os muitos milagres, de início desconhecidos para ele próprio, que realizou antes de ir para a Terra Santa. Algumas dessas lendas são do Egito, outras da Grécia, e estão in-

cluídas neste romance; Lucas não sabia, naquela ocasião, que era um dos escolhidos de Deus, nem que chegaria à santidade.

O poderoso e esplêndido Império Babilônico (ou Caldeia) não é familiar para muitos leitores, bem como não o são os estudos de medicina, os tratamentos médicos ali feitos pelos sacerdotes-médicos e sua ciência — que egípcios e gregos herdaram totalmente. Os cientistas babilônios conheciam as forças magnéticas e se utilizavam delas. Tudo isso constava dos milhares de volumes da maravilhosa Universidade de Alexandria, incendiada pelo imperador Justiniano vários séculos mais tarde, num acesso de errôneo zelo. A medicina e a ciência modernas estão começando a redescobrir essas coisas. A época atual ficou mais pobre, em consequência do fervor de Justiniano. Se a ciência e a medicina da Babilônia nos tivessem chegado intactas, nosso conhecimento do mundo e do homem seria muitíssimo mais avançado do que é atualmente. Ainda não descobrimos como os babilônios iluminavam seus navios à noite com “um fogo frio, mais brilhante do que a lua”, e como iluminavam seus templos com esse mesmo fogo frio. Aparentemente, eles tinham alguma forma de utilizar a eletricidade, forma essa desconhecida para nós e diferente da nossa maneira atual e tosca. Conta-se que eles usavam “veículos de terra” sem cavalos, iluminados à noite, e atingindo grande velocidade. (Ver o livro de Daniel.) Conta-se, também, que usavam estranhas “pedras”, ou uma espécie de minério, para a cura do câncer. Eram hábeis no emprego do hipnotismo e na medicina psicossomática. Abraão, um residente da cidade de Ur, na Babilônia, levou aquele tratamento de medicina psicossomática aos judeus, que o usaram através de séculos. Os magos, “Os Homens Sábios do Oriente”, que levaram dádivas ao Menino Jesus, eram babilônios, embora aquela nação tivesse sofrido um grande declínio muito tempo antes.

Onde as autoridades têm pontos de vista diferentes sobre alguns dos incidentes relatados neste livro, ou sobre o cenário, adotei a decisão da maioria. Aqui é usado exclusivamente o Evangelho de São Lucas, e o que aparece nos Evangelhos de São Mateus, São Marcos e São João não está incluído.

Quero, agora, agradecer ao Dr. George E. Slotkin, de Eggertsville, Nova York, famoso urologista e professor emérito da Escola de Medicina de Buffalo, Nova York, a inestimável assistência no terreno da medicina, tanto antiga como moderna.

TAYLOR CALDWELL

PRIMEIRA PARTE

“Seguramente Deus escolhe seus servos ao nascerem, ou talvez antes mesmo do nascimento.”

EPICETETO

1

Lucano nunca soube com certeza se gostava ou não de seu pai. Seria possível admirar homens simples e despretensiosos. Seria possível honrar homens sábios. Mas seu pai não era simples nem sábio, embora se considerasse pertencente à classe destes últimos.

Guarda-livros e arquivistas tinham sua importância na vida especialmente se fossem diligentes e soubessem o seu valor como guarda-livros e arquivistas, sem pretender sugerir que possuíam maiores dons. Não era agradável ouvi-los falar em “homens inferiores”, tomando para isso ares superficiais e altamente cultos. A mãe de Lucano, porém, sorria tão terna e tão misericordiosamente, quando o marido dava voz aos seus ridículos preconceitos, que a luz da sua compaixão abrandava o coração do filho.

Eneias lavava as mãos em leite de cabra, pela manhã e à noite, esfregando cuidadosamente o rico fluido em cada ruga, rachadura e junta. Pelo que conhecia, aos dez anos de idade, Lucano compreendeu que o pai não estava apenas tentando amaciar e branquear as mãos, mas que pretendia apagar as cicatrizes de sua antiga servidão. Aquilo irritava Lucano, pois já então sabia que o trabalho, não importava de que espécie, não degradava ninguém, a não ser que parecesse degradante ao espírito do trabalhador. Enquanto Eneias sacudia muito delicadamente as mãos, para enxugá-las ao ar ameno da Síria, Lucano podia ver as regiões desfiguradas de suas palmas e a comprida e feia cicatriz que havia nas costas da fina mão direita; e um fluxo de vago amor e piedade surgia nele. Mas sua compreensão real era ainda infantil.

Eneias mostrava-se sob seu melhor aspecto exatamente antes da refeição da tarde, quando servia a costumeira libação aos deuses.^{1*} Lucano o contemplava, então, com uma veneração sem palavras. A voz de seu pai, habitualmente tão fina, seca e orgulhosa, tornava-se humilde e hesitante. Eneias sentia-se grato aos deuses que o libertaram e tornaram possível a casa pequena e agradável, com seus jardins de palmeiras, flores, árvores frutíferas. Que o tinham levantado do pó e lhe haviam outorgado autoridade sobre outros homens. O fato mais solene, para Lucano, porém, era quando Eneias tornava a encher a taça de vinho e, com uma nova reverência, derramava o líquido vermelho, lenta e cuidadosamente, e dizia com brandura quase inaudível: “Para o Deus Desconhecido.”

As lágrimas enchem os grandes olhos azuis daquele Lucano de dez anos. O Deus Desconhecido. Para Lucano, a libação era não só um velho costume dos gregos mas, ainda, uma saudação mística, um rito universal. Lucano ficava a olhar a queda das gotas de rubi, e seu coração apertava-se com emoção quase insuportável, como se estivesse testemunhando o derramar-se de sangue divino, a oferenda de um Sacrifício inescrutável.

Quem era o Deus Desconhecido, sem nome? Eneias respondia ao filho: era um costume dos gregos oferecer-lhe aquele ritual, e fazia-se necessário manter os costumes civilizados da Grécia quando se vivia entre romanos bárbaros, embora fossem os bárbaros que governassem o mundo. Suas mãos marcadas de cicatrizes cruzavam-se num gesto inconsciente de homenagem, e seu rosto estreito, tão insignificante e comum, adquiria distinção e gravidade. Era nessas ocasiões que Lucano tinha certeza de amar seu pai.

Sobre os deuses Lucano fora cuidadosamente instruído pelo pai, que lhes dava seus nomes gregos e não os nomes toscos que os romanos lhes atribuíam. Mesmo assim, com seus nomes poéticos e adoráveis, eles eram, para Lucano, simplesmente homens que se tornaram gigantes e imortais, donos de toda a crueldade, rapacidade, luxúria, ódio e malícia do homem. O Deus Desconhecido, entretanto, parecia não possuir os atributos do homem, nem seus vícios nem suas pequenas virtudes.

¹Diante do altar dos deuses, ou antes de tomar alguma bebida — especialmente vinho —, os povos da Antiguidade costumavam derramar algumas gotas do líquido, previamente, em honra das suas deidades. O vinho era considerado o “sangue da uva”, por isso mais usado do que o leite, o mel e o azeite, que também tinham seu uso nos sacrifícios.

*As notas numeradas em arábico referem-se às observações do tradutor, e as destacadas por asterisco são da autora. (*N. do E.*)

— Os filósofos ensinaram que Ele não deve ser compreendido pelo homem — dissera Eneias a seu filho, certa vez. — Mas Ele é poderoso, onisciente e onipresente, e ainda assim está impregnado em cada partícula de quanto existe, seja árvore, ou pedra, ou humanidade. Assim dizem os pensadores imortais de nossa gente.

“O rapaz é sério demais para sua idade — dissera Eneias certa vez à sua esposa, Íris. — Entretanto, devemos recordar que seu avô, meu pai, era um poeta, portanto não devo ser demasiado severo no meu julgamento.

Íris sabia que o avô poeta era uma das mais patéticas ficções de seu marido, mas concordou, com um movimento de cabeça.

— Sim, nosso filho tem alma de poeta. Apesar disso, eu o vejo e ouço a brincar com grande vivacidade, em companhia da pequena Rúbria. Correm juntos atrás dos carneiros e escondem-se um do outro entre as oliveiras. Às vezes, sua linguagem infantil é impetuosa e barulhenta.

Olhava meigamente para seu marido, ao vê-lo erguer a cabeça comprida, com importância, numa tentativa para mostrar-se carrancudo. Em seu pobre coração aquele homem sentia-se lisonjeado, apesar de todo o seu desdém pelos romanos.

— Espero que não esteja negligenciando suas lições — dissera ele. — Com todo o respeito que devo ao meu patrão, é duro esquecer que se trata de um bárbaro romano e que sua filha não pode oferecer a meu filho qualquer divertimento intelectual. — E acrescentou, rapidamente: — Contudo, temos de nos lembrar que ele tem apenas dez anos, e que a pequena Rúbria é ainda mais nova. Dizes, minha querida, que eles brincam juntos constantemente? Não o tinha reparado. Também, estou sempre ocupado, de manhã à noite, na casa do tribuno.²

— Lucano ajuda Rúbria nas lições dela — contou Íris, afastando da testa um caracol de seus cabelos dourados. — É uma pena que o nobre tribuno Diodoro Cirino não te empregue para ensinar a filha.

Eneias suspirou e tocou a fronte da esposa com seus lábios agradecidos.

— Mas quem tomaria conta dos negócios dele em Antioquia? Quem manteria os arquivos e supervisionaria os capatazes dos escravos? Ah! Esses ávidos, esses sugadores romanos! Roma é um abismo no qual toda a

²Magistrado encarregado de defender os interesses do povo, na antiga Roma.

fortuna e todo o trabalho do mundo mergulham sem ruído, um abismo do qual não sobe nem jamais subiu qualquer música.

Íris absteve-se, muito consideradamente, de recordar Virgílio a seu marido. Ele costumava compará-lo, desdenhosamente, com Homero.

Eneias sentia-se ofendido por ser seu patrão apenas um rude tribuno e não um augustal.³ Na verdade, muitos dos tribunos romanos eram augustais, mas não Diodoro, que odiava patrícios⁴ e cujo herói era Cincinato.⁵ Diodoro tinha considerável instrução e muito intelecto, era filho de sólida e virtuosa família de muitos soldados, mas assumia a atitude de escárnio do militar pelos homens que preferiam as coisas do espírito. Apertava contra o peito suas virtudes fora de moda, afetava ignorar coisas que sabia, e falava com o rude e simples acento de um soldado para o qual os livros eram desprezíveis. À sua maneira, tinha tanta afetação quanto Eneias. Ambos eram uma fraude — dizia Íris consigo mesma, tristemente —, porém piedosas fraudes. Que Eneias se mostrasse condescendente para com o soldado cujo pai o libertara, e que Diodoro usasse deliberadamente má gramática e exibisse más maneiras, isso não importava.

O pai de Diodoro Cirino, um homem moral, de nobres qualidades, comprara o jovem Eneias de um conhecido, notável pela sua extrema crueldade para com seus escravos, crueldade que se tornara infame até mesmo para as pessoas mais duras e cínicas. Dizia-se que nem um só de seus escravos deixava de ter cicatrizes, desde os que trabalhavam em seus campos, vinhedos e olivais, até as mais jovens escravas de sua casa. Apesar das leis, ele não desistia de matar caprichosamente, quando bem entendesse, qualquer dos escravos que o tivesse desagradado, e usava invenções próprias de tortura e assassinio que lhe davam imenso prazer. Augustal de família orgulhosa, se bem que decadente, e de imensa riqueza e poder, era também senador, e dizia-se que até mesmo César o temia.

Houve apenas um homem em Roma que ousou escarnecê-lo publicamente: o virtuoso tribuno Prisco, pai de Diodoro, amado pelas turbas romanas, que, sendo elas próprias aviltadas e viciosas como seus senhores,

³Magistrado religioso, instituído por Augusto, primeiro em Roma, depois em todo o Império.

⁴Membros das velhas famílias predominantes de cidadãos da antiga Roma.

⁵Lúcio Quinto Cincinato, senador romano, cônsul, depois por duas vezes ditador, que deixou um nome proverbial pela austera simplicidade que usou no poder.

ainda assim honravam-no pela sua integridade e pelas suas qualidades militares. As turbas admiravam-no mesmo pela sua bondade e justiça em relação aos seus escravos e isso era paradoxal num povo para o qual o escravo era pouco menos do que um quadrúpede.

Eneias, o escravo grego, fora um dos trabalhadores das terras do senador, e ninguém sabia com certeza de que forma Prisco o adquirira, a não ser ele próprio, que jamais falava nisso. Prisco, porém, levava o jovem, machucado e ferido, para sua casa, chamara seu médico, para que o tratasse; deralhe um lugar entre seu pessoal doméstico, exigindo dele apenas obediência.

— Estamos todos sujeitos à obediência — tinha dito Prisco severamente a seu novo escravo. — Eu obedeco aos deuses e às leis de meus pais, e há orgulho nessa obediência, porque ela é voluntária e exigida de todos os homens honrados. O homem sem disciplina é um homem sem alma.

Eneias era iletrado, mas rápido e respeitoso, dotado de mente arguta e metódica. Prisco, que acreditava dever todo homem, mesmo um escravo, desenvolver-se até o máximo de sua capacidade, permitira que Eneias se sentasse a um canto do quarto onde seu jovem filho recebia instrução. Num espaço de tempo espantosamente curto Eneias alcançara Diodoro: sua memória era extraordinária. Não se passou muito tempo e Eneias, com ordens de Prisco, estava ocupando uma extremidade da mesa onde Diodoro se sentava com seu mestre.

— Temos aqui um erudito grego? — perguntou Prisco ironicamente ao mestre.

O mestre, porém, replicou com sagacidade que Eneias não era um verdadeiro erudito e sim um jovem de mentalidade inteligente.

Quando Eneias completou vinte e cinco anos estava administrando as propriedades romanas de seu senhor, Prisco, enquanto Diodoro assumira sua profissão de soldado e assistia o procurador em Jerusalém. Apaixonara-se, também, por uma outra escrava, a jovem Íris, criada de quarto da esposa de Prisco, jovem e bela grega, a querida do pessoal doméstico, educada pessoalmente por Antônia, que lhe devotava afeto maternal. Prisco e Antônia presidiram o casamento dos jovens, dando-lhes muitos presentes, inclusive a dádiva inestimável da liberdade.

Diodoro Cirino, voltando para casa depois da morte de seus pais, ficara satisfeito com o liberto Eneias, pois as propriedades romanas esta-

vam em excelente ordem. Lembrava-se de seu antigo colega de estudos como de um indivíduo comum, sem brilho particular, mas reconheceu suas qualidades e honestidade, embora se aborrecesse com sua petulância e com as pequenas arrogâncias que exibia para com os escravos sob seus ordens. Mas sendo Diodoro extremamente inteligente, e secretamente piedoso, compreendera que daquela maneira Eneias se estava compensando pelos anos de escravidão.

O solitário e jovem romano, que tinha agora vinte e sete anos, cinco menos do que Eneias, depressa casava-se com uma moça de vigorosa família romana, que tinha suas próprias e robustas qualidades, mas não sua inteligência. Logo depois disso Diodoro foi nomeado governador de Antioquia, na Síria, e levou consigo Eneias e Íris. Ali, Eneias encontrou campo mais amplo para seus talentos de meticulosidade, gerência, escrituração e precisão, e pela primeira vez teve sua casa própria em certa propriedade, num subúrbio de Antioquia. Durante as noites ele sonhava seus sonhos dos gloriosos homens da velha Grécia, identificava-se com eles, lia poemas de Homero,⁶ e declamava-os em voz alta para a mulher e o filho. Seus conhecimentos, intelectualmente, permaneciam pequenos e escassos. Fazia-se loquaz, falando de Sócrates,⁷ mas os *Diálogos* ficavam para além da sua verdadeira compreensão. Sabia muito pouco sobre os gigantes menores da Grécia, e quase nada sobre os estadistas de sua nação. Servia seus deuses com o mesmo senso de dever com que servia Diodoro. Talvez para Eneias eles representassem a Grécia. Talvez em sua beleza, delicadeza e esplendor, trouxessem-lhe à memória que seus equivalentes romanos eram grosseiros, lascivos, abrutalhados, além de toda a sutileza e graça, simples sombras aumentadas dos próprios romanos. Em seus deuses, Eneias encontrava refúgio contra as lembranças da amarga escravidão; neles encontrava orgulho para si próprio, pois mesmo os romanos os reverenciavam, construíam-lhes templos e começavam a fazer distinções entre eles e suas próprias deidades.

⁶Poeta grego do século IX, considerado autor da *Iliada* e da *Odisseia*, os mais célebres poemas de sua língua.

⁷Ilustre filósofo grego, mestre de Platão, igualmente célebre, que em seus *Diálogos* expôs a filosofia de Sócrates, pois este último nada deixara escrito. Também as obras de Xenofonte divulgaram as ideias de Sócrates, que, acusado de impiedade pelos seus concidadãos, foi condenado ao suicídio, através da cicuta. Morreu com a mesma digna altivez com que vivera. É considerado o criador da ciência moral. (468-400 ou 399 a.C.).

Eneias teria preferido Roma a Antioquia, pois embora desdenhasse a população romana, gostara do movimento das ruas repletas, da excitação da cidade e da atmosfera de poder. Antioquia, para ele, era “estrangeira” demais, pois era constantemente invadida por embarcações rudes, que vinham de centenas de anônimas e suspeitas regiões bárbaras. Tinha por eles uma aversão clara, e afastava-se de seu contato, em melindroso estremeamento. Mas possuía uma pequena casa, agradável, com soalhos frescos de pedra e brilhantes cortinas de lã, arcos e jardins, longe bastante da casa maior de Diodoro para dar-lhe a ilusão de que era um senhor de terras, com seu direito próprio. Muito de seu prazer, entretanto, era arruinado frequentemente quando tinha contato com Diodoro e se via forçado a ouvir em silêncio os expletivos e a crua linguagem militar do romano.

Diodoro sentia-se ainda mais solitário na Síria do que o fora em Roma. A esposa Aurélia — jovem gorducha e alegre, devotada ao lar, aos escravos, ao marido e à filhinha — era piedosa e virtuosa, à maneira das velhas matronas romanas; mas não tinha instrução, sendo apenas esperta, e tão naturalmente destituída de polimento quanto o marido era secretamente refinado. Tagarelava sobre os escravos, a filha, as modas mais recentes de Roma, falava de esbanjamentos na cozinha, do clima, da saúde da família e dos pratos que ela própria inventava sob os olhos das cozinheiras. Não havia dúvida de que se tratava de uma mulher estimável, um tantinho gorda demais, mas ainda assim tinha certa beleza no rosto rosado e redondo, nos grandes olhos castanhos e no luxuriante cabelo preto. Diodoro ouvia-a afetuosamente, depois metia-se em sua biblioteca, de onde retirava livros surrados pelo uso, e lia até meia-noite, muito tempo depois de todos da casa se haverem recolhido. Deleitava-se, especialmente, com poesia, história e filosofia. Murmurava para ele mesmo um poema inteiro, com uma espécie de caprichoso abandono ao ritmo das frases e dos cantos.

Nunca lhe ocorria, como romano moral anacrônico, procurar algum divertimento sexual nos apinhados bordéis de Antioquia, nem considerava próprio reunir-se a alguns companheiros romanos da cidade para jogar, assistir a rinhas de galos ou manter simples camaradagem. O lugar de um homem, depois de seu trabalho, era no lar, segundo pensava Diodoro, por mais insignificante que fosse a conversa da esposa. Bebia

muito pouco à mesa e acreditava ser a embriaguez um dos pecados maiores. Assim, sua única evasão estava no trabalho.

Aurélia tinha amigas entre as famílias romanas de Antioquia, mas eram tão virtuosas e comuns quanto ela própria. Reunidas, tagarelavam sobre algumas mulheres mais emancipadas, de seu conhecimento, e deploravam-lhes as atitudes com arrepios de horror. Eram todas completas e inocentemente inconscientes da depravação de seu país, de sua corrupção e de sua moral viciosa, de suas maneiras e costumes licenciosos. E criticavam outras mulheres por um comportamento que, em Roma, era comum e admitido. Seus lares e penates eram as coisas mais importantes em suas vidas, e sua tagarelance mostrava-se tão excitante como uma tigela de feijões cozidos. Sentiam-se felizes; tinham maridos, filhos, jardins, eram diligentes e devotadas.

Era entre os soldados mais simples de Antioquia que Diodoro encontrava algum descanso, e com eles conversava facilmente sobre assuntos militares, para sufocado vexame de seus oficiais subalternos. Os próprios oficiais consideravam-se exilados naquele lugar, e suspiravam pelos deleites, alegria e vícios de Roma, pensando em seu oficial superior com espanto e secreto escárnio. Jamais duvidaram da moralidade dele, mas isso não lhes inspirava respeito: ao contrário, achavam-no um tolo. Mesmo sua severa justiça, que nunca era impulsionada pelo capricho ou mesquinhez do momento, parecia-lhes algo de inumano. Diodoro punia um oficial com a mesma presteza com que punia um soldado raso da infantaria, sem se preocupar com sua família ou sua categoria em Roma. Eneias solidarizava-se com eles, e os oficiais piscavam-lhe um olho ao ouvir alguma ordem rígida de Diodoro, quando, então, Eneias fingia pomposamente esconder um sorriso afetado.

Os fatos tinham sido particularmente complicados e desagradáveis naquele dia. Diodoro, rodeado de seus oficiais, observava o embarque por escravos, num navio romano, de frutos da Síria, mel, azeitonas e azeite e muitas outras coisas. Embora estivessem em dezembro, e a festa das Saturnais⁸ se aproximasse, o sol mostrava-se quente demais para a estação, o ar trazia umidade, as águas gordurosas luziam como que cobertas de graxa

⁸Festas romanas em honra de Saturno, que de início constavam de regozijos públicos, nos quais os escravos podiam vestir-se como os senhores e censurarem-nos pelas suas faltas. Com o decorrer dos tempos tais festas transformaram-se, tanto em duração como em caráter, passando mesmo a constituir orgias coletivas.

ardente. Os gritos dos capatazes tinham sido excepcionalmente irritantes, e o estalido dos chicotes soara constantemente contra a muralha de ar úmido. Os escravos, entretanto, suando profusamente, mostravam-se apáticos. De súbito, com uma blasfêmia impaciente, Diodoro deixara a mesa das docas onde Eneias ia meticulosamente registrando os fardos e as barricas, e agarrara pessoalmente uma caixa das maiores sobre os ombros, com tanta facilidade como se se tratasse de um cordeirinho. Caminhara pelo pranchão do navio e atirara a caixa, com precisão rápida, sobre as outras. Depois, ficara ali, de pé, sorrindo de contentamento.

Os oficiais estavam boquiabertos. Eneias, diplomaticamente, olhava para o outro lado. Os soldados tinham os olhos fixos, e capatazes e escravos pareciam petrificados. Mas Diodoro flexionara os músculos, respirara profundamente, e dissera:

— Oh! Como isto faz bem à alma de um homem!

Eneias, o grego, partilhava com todos os gregos o desdém e a aversão ao trabalho manual, e sentia-se escandalizado até o coração. E ele e os outros ficaram ainda mais escandalizados quando ouviram Diodoro gritar aos escravos:

— Vocês são homens ou vermes doentes? Isto tem de ser carregado antes que o sol se ponha. Quando não, terão de trabalhar à noite, à luz de tochas. Vamos, tratemos de nos mexer como homens que têm um propósito, e acabar com isto! — De novo curvara-se, agarrara uma barrica e rolara-a pelo pranchão. E seus músculos avultavam nos ombros, pernas e braços. Era evidente que se estava divertindo. Os escravos, estimulados pelos chicotes, voltaram correndo ao trabalho e, inspirados por Diodoro, apressaram seus movimentos. Ele começou a cantar, com voz rouca, num ritmo embalador, e os escravos riram-se e cantaram com ele. Muito antes do pôr do sol, o navio estava carregado. Nem um só oficial ajudara, nem mesmo um soldado raso da infantaria, pois Diodoro indicara, com um olhar desdenhoso, que repudiava sua assistência.

Diodoro, então, ficou de pé entre seus oficiais, limpando o suor com o lenço que um deles lhe ofereceu e sorrindo amplamente a contemplar o navio. O comandante aproximou-se dele, com respeitoso temor, e Diodoro gritou:

— Dize àqueles homens-damas impotentes de Roma que Diodoro Cirino, filho de Prisco, ajudou pessoalmente a carregar este navio! Dize-lhes, enquanto eles se perfumam com nardo e óleo de rosas, e ouvem alaúdes, e mergulham línguas de rouxinol no mel, que viste hoje um romano trabalhar como os romanos outrora trabalharam, e que eles devem trabalhar de novo, se quiserem que Roma sobreviva e não morra para sempre entre vasos, flores, jovens cantoras, vinhos e elegâncias.

Depois, voltara-se para seus oficiais — que coravam de vergonha por ele —, blasfemara em voz alta e gritara, novamente:

— Onde estão vossas cicatrizes, vossos músculos, vossos ombros morenos, ó pelintras? Sabeis o que é a guerra, o trabalho, o que é a força dos corpos que vivem sobriamente e com resolução? Para o Hades⁹ convosco! Todos! Por Mercúrio,¹⁰ sois menos homens do que estes pobres escravos!

Aquilo fora imperdoável. Os escravos tinham sufocado o riso entre eles, e os rostos dos oficiais romanos ensombraram-se ominosamente. Não ousaram responder, entretanto. Diodoro era bem capaz de esbofetear abertamente um rosto atrevido; fizera isso muitas vezes, mesmo diante de soldados rasos e escravos.

Infelizmente, o tribuno não havia terminado. Correram os olhos, colérico, pelos seus homens, continuando:

— Cincinato deixou seu arado para salvar Roma e não se deteve sequer para lavar as mãos manchadas ou calçar sandálias nos pés sujos de terra. Nenhum de vós, porém, deixaria os braços de uma prostituta síria para salvar a vida de um homem, ou para manter, em vossa jurisdição, a lei de Roma.

Afastara-se deles, num repelão, e caminhara pesadamente pelas docas, até seu cavalo, pondo-se a galope a caminho de sua casa do subúrbio. Deixara sua biga, que um oficial teria de levar para as suas cavalariações, e Eneias seguiu nela com o oficial. Uma vez em casa, Eneias contara todo o horrível episódio a Íris, que o escutara em silêncio. Esperava ver a esposa horrorizada, mas ouviu sua voz meiga, com seu sorriso adorável:

⁹Lugar para onde iam os mortos, na mitologia grega. Deus do Inferno.

¹⁰Mensageiro dos deuses, deus ele mesmo da eloquência e do comércio.

— O nobre tribuno foi, outrora, meu companheiro de folguedos, na casa de Prisco. Sempre foi um rapaz ativo e às vezes carregava-me às costas, dizendo ser Júpiter em seu disfarce de touro, e eu Europa.¹¹

Observando a expressão horrorizada do marido, por um instante, acrescentara, docemente:

— Ah! Éramos crianças nesse tempo, meu querido.

Havia ocasiões em que Eneias não podia entender Íris. Disse então, pomposamente:

— Vejo que não percebes a maior implicação do incrível episódio de hoje. Diodoro está constantemente falando de disciplina, entretanto ridiculariza publicamente seus oficiais, diante de seus homens e dos escravos. Isso engrandece a sua autoridade?

Íris compreendia que a cólera de Diodoro não fora lançada tanto sobre os homens que ali estavam em derredor quanto sobre os modernos costumes e a corrupção de Roma, que ele não podia suportar. Esse tinha sido o fato que precipitara e aliviara a raiva crônica e sufocada do tribuno. Suspirou e disse ao marido:

— Tenho certeza de que ele nunca mais fará isso.

Severo, Eneias replicou:

— Ninguém pode ter certeza quando se trata de um homem caprichoso. Confesso que nunca o entendi.

A furiosa exaltação de Diodoro durara através da refeição noturna. Contara tudo a Aurélia, e ela fizera um gesto de assentimento, como esposa sensata, embora o assunto estivesse inteiramente fora de sua compreensão. Deixou que se seguisse uma pequena pausa, e depois disse, ansiosa, como se seu marido de nada lhe tivesse falado:

— A pequena Rúbria está de novo cuspidando sangue e queixa-se de dores nos braços e pernas. O médico receitou fumigações na garganta e nas juntas, e ela está dormindo, finalmente, embora tenha o rosto ainda enrubescido. Que tristeza ver uma criança sofrer, uma criança que nunca

¹¹Júpiter, deus maior do politeísmo antigo. Dizem que, se apaixonando por Europa, filha de Agnor, rei da Fenícia, transformou-se em touro para a roubar, atravessou o mar com ela sobre o dorso e trouxe-a para a parte do mundo que tomou o nome da donzela raptada. Os gregos davam-lhe o nome de Zeus. Jove é uma outra forma de seu nome.

foi saudável, e quanto mais triste é, meu querido esposo, eu te ter dado apenas aquele cordeirinho frágil e não filhos fortes.

Diodoro esqueceu imediatamente sua cólera, tomou a esposa nos braços e beijou-a. Ela não se revoltou contra o odor acentuado de seu suor, antes encontrou conforto nele. Passou-lhe os braços em torno do pescoço e disse:

— Mas tenho só vinte e cinco anos e ainda pode ser que os deuses nos concedam filhos. Preciso ir a Antioquia muito em breve e fazer um sacrifício especial a Juno.¹²

A criança, Rúbria, era o coração do coração de Diodoro, embora ele acreditasse ser o único a saber disso. Sem ruído, subiu a escadaria de pedra branca que levava ao apartamento dela e, silenciosamente, afastou para um lado os pesados reposteiros de seda escarlata. A menina estava deitada em sua cama, na frescura do início da noite. Dormia, com a ama vigilante a seu lado. A janela pequena era um quadrado carmesim, e sombras arroxeadas suspendiam-se pelos cantos do aposento. Seria uma reflexo do pôr do sol que avermelhava assim o rostinho dela ou seria aquela febre sinistra e desconhecida? Diodoro curvou-se sobre a filha, e seu indômito coração fremiu diante de tanta fragilidade. Longos e espessos cílios pretos palpavam, inquietos, sobre o rosto fino e brilhante: a bonita boca infantil queimava. Tão doce e tão querida criatura, cheia de risos e alegria, mesmo quando estava sofrendo, uma pombinha tão terna! A mão nodosa de Diodoro tocou a massa negra de cabelos que se espalhava pela brancura do travesseiro, e ele suplicou, desesperadamente, a ajuda de Esculápio.¹³

— Suplico-te, Mestre Médico, filho de Apolo,¹⁴ que mandes Mercúrio a esta criança, nas asas da compaixão, pois ela me é mais preciosa do que a minha vida, e que tua filha, Higia,¹⁵ cuida dela com ternura. Mercúrio, apressa-te a vir ter com ela, pois não é ela igual a ti, rápida como o fogo, veloz como o vento, mutável como uma opala?

Prometeu sacrificar um galo a Esculápio, que preferia aquele sacrifício, e um par de bois brancos a Mercúrio, com argolas de ouro nos focinhos.

¹²Na mitologia romana era esse o nome dado a Hera dos gregos, filha de Cronos (Saturno) e Reia, a esposa e irmã de Júpiter, ou Zeus.

¹³Nome latino do deus da Medicina, Asclépio, filho de Apolo.

¹⁴Um dos grandes deuses da Grécia, personificação do Sol. Chamavam-no, também, Febo.

¹⁵Filha de Esculápio, adorada como deusa da saúde.

O terror apoderou-se dele quando tocou o cabelo de Rúbria e viu o tremor das mãozinhas sobre o lençol. Sem dúvida, honrara os deuses por toda a sua vida, e eles não iriam tirar-lhe a vida de seu coração. “Jamais temi espada ou lança, homem ou coisa, contudo o medo me torna fraco, hoje”, disse ele, consigo mesmo. “Não que esta doença seja qualquer coisa de novo, mas minha alma estremece, como sob um pressentimento.”

Renovou suas preces e acrescentou uma a Juno, a mãe das crianças. Para eles, os deuses de Roma jamais tinham sido depravados, nem mesmo Júpiter, apesar de todas as suas propensões referentes às donzelas. Ficou a cogitar se devia pedir a Marte,¹⁶ sua deidade especial, padroeiro dos soldados. Resolveu o contrário: Marte não entenderia um soldado que considerasse uma criança mais preciosa e importante do que uma guerra. Tal prece que lhe fosse enviada poderia provocar-lhe a cólera. Diodoro rapidamente tornou a implorar a Mercúrio, com suas sandálias aladas e seu bastão de serpentes.

Quando tornou a se reunir a Aurélia, encontrou-a na antecâmara do próprio quarto, fiando diligentemente lã fina para tecê-la e do tecido fazer um *capitium*¹⁷ para sua filha. Era a perfeita encarnação de uma matrona da velha Roma, ali sentada, o pé movendo-se ritmicamente sobre o pedal, a mão na roda, o cabelo preto severamente trançado em torno da cabeça, o rosto rosado sério e absorto. Suas vestes brancas flutuavam em torno do corpo cheio, tombando em pregas modestas, e tinha os braços voluptuosos cobertos a meio pelas mangas. Para Diodoro, aquela era uma figura tranquilizadora. Em vez de choramingar futilmente pela sua filha, fiava um bom agasalho para ela. Diodoro tocou-lhe afetuosamente a cabeça com a mão e depois com os lábios. O pé ativo e a mão que se movia não pararam, mas Aurélia sorriu:

— Por que não vais andar pelo jardim, ao pôr do sol, meu bem-amado? Ficarás confortado ali, como sempre. — A voz dela era firme e calma.

Diodoro pensou em seus livros. Recebera naquele dia, por um mensageiro especial, um rolo contendo a filosofia de Filo¹⁸ que, dizia-se, era con-

¹⁶Deus da Guerra.

¹⁷Capuz (em latim no original).

¹⁸Filósofo helenístico de origem judaica, nascido em Alexandria no ano 20 a.C. que viveu até o ano 54 da nossa era.

siderado superior a Aristóteles.¹⁹ Nisso Diodoro não acreditava, mas sentia-se ao mesmo tempo excitado e curioso. De súbito, porém, veio-lhe um peso de languidez ao coração, e resolveu fazer o que a esposa lhe sugerira. O livro podia esperar; sentia-se inquieto demais para dar-lhe a sua integral e considerada atenção.

Saiu para o pátio. Um vermelhão escuro fluía através das frondes das palmeiras e o perfume do jasmim subia em nuvens para a atmosfera tépida. As laranjeiras e limoeiros ornamentais estavam envolvidos em frutos verdes e dourados. Insetos zumbiam, com o som de delgados arames, e subitamente um rouxinol cantou para o céu avermelhado. As pedras brancas colocadas entre os canteiros de flores exóticas estavam mergulhadas em sombras cor de heliotrópio, e luz de um azul fosco enchia os arcos da colunata que rodeava o pátio. Uma fonte, sobre a qual se erguia um fauno de mármore, sussurrava docemente, misturando sua canção frágil à canção do rouxinol. As tonalidades púrpura e escarlate do poente luziam na bacia da fonte, a que peixes brilhantes e pequenos davam vida. Agora, as palmeiras farfalhavam sob o vento refrescante, vindo do mar distante, e através das frondes em movimento Diodoro pôde ver a brilhante radio-sidade da estrela vespertina. Os troncos das árvores, plantadas ao longo das altas paredes do pátio, pareciam espectros acinzentados.

Não vinha ruído algum do maciço alto e quadrado que era a casa que ficara atrás de Diodoro; as colunas tremeluziam na meia-luz, como que feitas de algo insubstancial e não de mármore. Diodoro sentiu que o silêncio se fazia de repente opressivo: a voz do rouxinol não o seduzia como de costume. Era uma voz que não trazia consolo em si, apenas melancolia, e a fonte murmurava sobre tristezas que não eram humanas. Diodoro, de novo assaltado pela solidão, pensou em Antioquia e nas comemorações que ali se iniciavam em louvor de Saturno. Terminariam em deboche geral, como de costume, mas pelo menos ali haveria ruídos de homens e mulheres. Pensou em cavalgar de volta a Antioquia e convocar alguns de seus oficiais que lhe eram menos repulsivos. Sabia, porém, que não poderia suportá-los: eles quereriam participar da tumultuosa alegria e sua presença

¹⁹Filósofo grego, nascido em Estagiros, chamado, por isso, o Estagirista. Exerceu grande influência no pensamento europeu durante a Idade Média (384 a.C.-322 a.C.).

só iria inibi-los. Se ao menos tivesse um companheiro, pensava o solitário tribuno. Se ao menos houvesse apenas um com quem eu pudesse falar, para afogar em mim a voz do medo, um que comigo partilhasse uma taça de vinho e discutisse as coisas que para mim são importantes. Um filósofo, talvez, ou um poeta, ou apenas um homem sensato.

Ouviu um movimento levíssimo, quase um sopro, e voltou-se de novo para a fonte. O sol poente brilhou por um momento acima das copas farfalhantes das palmeiras e veio cintilar sobre a cabeça louira de um menino que se inclinava contra a bacia de mármore da fonte, em completo encantamento, inconsciente da presença de Diodoro.

Caminhando silenciosamente, Diodoro avançou para junto da criança, que se sentara no áspero gramado verde e erguia os olhos para as janelas de Rúbria. Quando chegou ao lado oposto da ampla e rasa bacia, Diodoro pensou: “Ora essa, este é o jovem Lucano, filho do meu liberto Eneias.” Seu coração palpitou com uma nostalgia ignota, e ele pensou em Íris, sua antiga companheira de folguedos, Íris com seu cabelo áureo, seus maravilhosos olhos azuis, sua macia carne branca, seu rosto cheio que fazia covinhas, e seu fino nariz grego. Ouvia, como se viesse de corredores compridos e ensombrados, o som de seu riso de criança, o tom interrogador da sua voz ao chamá-lo. Íris, para ele, não existira nem mesmo como companheira de brinquedos que se recorda, depois de seu casamento com aquela empertigada e precisa mediocridade de um Eneias. Agora, porém, recordava-se que quando ele estivera fora, em suas campanhas, antes da morte de seus pais, Íris tinha brilhado como estrela em sua mente, doce, sensata Íris, a jovem escrava de sua mãe, a criada de quarto mimada, que para ela fora como uma filha.

Ele, um tribuno, jovem e ambicioso, atlético, de família impecável, chegara mesmo a sonhar em casar-se com Íris. Seus pais, acreditava ele, apesar do afeto que nutriam por ela, teriam morrido de humilhação se seu filho tivesse descido a uma escrava, se ela tivesse dito: “Onde estiveres tu, Caio, estarei eu, Caia.” Ainda assim, ao saber da morte deles, enquanto ainda estagiava em Jerusalém, seu primeiro pensamento, depois da angústia da primeira dor, tinha sido para Íris. Voltara a encontrá-la não só liberta, mas casada e grávida, e afastara-a severamente de seus pensamentos.

Com certeza, então, sua solidão tivera início, e ele a tomara como um desejo de voltar à sua vida ativa no Oriente.

Todo o pátio encheu-se de doces sombras esverdeadas, nas quais a cabeça recostada de Lucano era como a lua cheia amarela. Diodoro, que podia ver-lhe apenas o perfil delicado, pensou: É a face do filho de Íris. Jamais se sentira interessado pelas crianças, a não ser pela filha Rúbria e, embora desejasse filhos, pensava neles como em jovens soldados, como seus herdeiros. Agora fixava os olhos em Lucano, forçando-os através da meia-luz colorida, e de novo seu coração estremeceu e encheu-se de ternura.

Lucano estava sentado em silêncio, imóvel, ainda contemplando o quadrado, que se apagava, da janela de Rúbria. Usava leve túnica branca, suas pernas longas eram tão pálidas que se assemelhavam ao alabastro e dobravam-se sob seu corpo. Em suas mãos havia uma pedra grande, de feitio e colorido pouco comuns, que à luz nublada inquietava. Toda a atitude de Lucano era de arrebatamento religioso, e ainda assim ele estava absolutamente imóvel. Seus lábios rosados entreabriam-se e seus olhos mostravam-se repletos de estranha tonalidade azul. Era como se ele estivesse ouvindo algo, e Diodoro, supersticioso como todos os romanos, observava-o com uma espécie de medo, nervoso, a pele arrepiando-se.

Falou, de repente, em voz alta:

— És tu, Lucano?

O menino não se sobressaltou. Moveu-se um pouquinho, apenas, e voltou para Diodoro seu rosto extasiado. Não saltou sobre os pés; apenas ficou ali sentado, a pedra nas mãos. Era como se não estivesse de forma alguma vendo o tribuno.

Diodoro ia falar de novo, mais asperamente, quando o menino sorriu e pareceu vê-lo pela primeira vez.

— Eu estava rezando por Rúbria — disse, e a voz era a da jovem Íris.

Diodoro deu a volta à fonte, hesitou, depois acocorou-se e olhou com firmeza para o menino, diante dele sentado, em tão absoluto repouso de músculos e em tão absorto enlevo. O tribuno despira suas pesadas vestes militares quando voltara para casa. Usava agora uma túnica branca, solta, com um cinturão de couro simples, que trazia incrustações

de prata. Sob aquele material ligeiro, seu corpo moreno era robusto e rijo, e suas pernas espessas mostravam músculos salientes. Cruzou os braços fortes em torno dos joelhos e contemplou Lucano, que lhe sorria com serenidade simples.

Lucano não se mostrava nem atemorizado nem tomado de respeito pelo soldado. Olhava o altivo rosto moreno, agudo e severo, tão tranquilamente como teria olhado para seu pai. Aquele queixo áspero e saliente não o alarmava, como não o alarmavam os olhos negros e penetrantes, acomodados sob sobranceiras escuras e fartas. Diodoro, porém, confrontado com a verdadeira imagem da criança que outrora conhecera, sentiu-se consciente de sua própria cabeça redonda, coberta de cabelo preto e rígido, tosquiado e sem brilho, e da força bruta de seu corpo disciplinado.

O menino nada tinha a fazer naquele pátio, pensou, automaticamente. E então ficou envergonhado, recordando-se de Íris. Mas que dissera ele? “Eu estava rezando por Rúbria.” As duas crianças eram companheiras de brinquedos, tal como ele e Íris o foram.

Diodoro abrandou sua voz rascante.

— Estás rezando por Rúbria, menino? Ah! Ela bem precisa de tuas preces, a pobrezinha.

— Sim, senhor — respondeu Lucano, seriamente.

— A que deus estás rezando? — perguntou Diodoro. Com certeza, pensou ele, os deuses ficam especialmente enternecidos com as orações dos inocentes. E um pouco de sua dor foi aliviada.

Lucano disse:

— Ao Deus Desconhecido.

Os olhos escuros de Diodoro faiscaram, surpreendidos. Lucano continuou:

— Meu pai ensinou-me que Ele está em toda parte e em todas as coisas. — Estendeu para Diodoro a pedra que tinha nas mãos, e disse simplesmente: — Encontrei isto hoje. É muito bonita. Achas que Ele está aqui, e que me ouve?